



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA – UNILAB
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS – IHL
BACHARELADO EM HUMANIDADES- BHU**

BRENA COSTA DA SILVA

**“O MEU CABELO NÃO É RUIM. RUIM, É O SEU PRECONCEITO”. O cabelo negro
e o preconceito racial na construção das identidades.**

REDENÇÃO - CE

2017

BRENA COSTA DA SILVA

“O MEU CABELO NÃO É RUIM. RUIM, É O SEU PRECONCEITO”. O cabelo negro e o preconceito racial na construção das identidades.

Trabalho de conclusão de curso a ser apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Artemisa Odila Cande Monteiro

REDENÇÃO - CE

2017

BRENA COSTA DA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

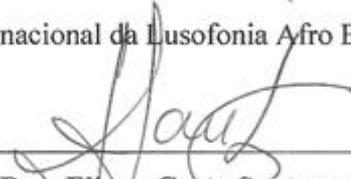
Aprovado em 14 de dezembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

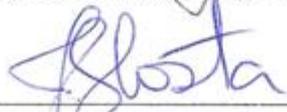


Prof. Dra. Artemisa Odila Candé Monteiro (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB)



Examinadora Interna: **Prof. Dra. Eliane Costa Santos** - (1ª Examinadora)



Examinadora Interna: **Prof. Dr. Jacqueline Costa e Silva** - (2ª Examinadora)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
1.1 Objetivos	7
1.1.1 Objetivo geral.....	7
1.1.2 Objetivos específicos	7
1.3 Justificativa	7
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
2.1 A mulher negra e o desafio da afirmação da identidade étnico-racial	10
2.1.1 A questão social da mulher negra no Brasil.....	11
2.1.2 A mulher negra e os dilemas de identitários nos espaços de tomada de decisão.....	14
2.1.3 Relatos de vivências.....	16
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	19
3.1 Métodos de pesquisa	19
3.2 Técnicas de coleta de dados	21
3.2.1 Limitações da pesquisa	22
3.2.2 Locais de realização da pesquisa e os sujeitos.....	23
4. RESULTADOS	25
5. IMPRESSÕES DO CAMPO.....	26
6. REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	27

1. INTRODUÇÃO

Ao falarmos sobre corpo e cabelo negro, inevitavelmente, nos aproximamos da discussão sobre identidade negra. Para Nilma (2008) “Essa identidade é vista como um processo que não se dá apenas a começar do olhar de dentro, do próprio negro sobre si mesmo e seu corpo, mas também na relação com o olhar do outro, do que está fora. É essa relação tensa, conflituosa e complexa que este texto privilegia, vendo-a a partir da mediação realizada pelo corpo e pela expressão da estética negra”. De acordo com o antropólogo Kabengele Munanga:

A identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (auto definição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc. (MUNANGA, 1994: 177-178).

Atualmente no Brasil muitas mulheres negras ou brancas ainda vivenciam esse procedimento secular de alisamento dos cabelos, mas na contramão, principalmente em grandes centros, porém desde a chegada do negro africano na América portuguesa muitos afirmam embasados em um conceito de democracia racial que o preconceito contra os negros ou contra os seus sucessores não existe no Brasil, ou seja, o que se presencia são apenas brincadeiras e que não se caracterizam como racismo, e com isso vieram também os estereótipos eurocêntricos que muitas mulheres negras enfrentam para serem aceitas na sociedade e em particular no mercado de trabalho.

No Brasil, o problema é crônico, embora seja mascarado. Há uma falsa ideia de que o país está aberto a todos do mundo. Aqui todos são bem-vindos e bem tratados. Até mesmo o logo do Governo Federal pode ser interpretado dessa maneira: “Brasil, um país de todos”. Isso é falácia. Por resultado do massacre que foi a escravidão e dos problemas sociais enfrentados até hoje, os negros e seus descendentes sofrem preconceito direta e indiretamente. Quem nunca manifestou insegurança simplesmente por cruzar com um negro por uma rua vazia à noite? É o preconceito estabelecido de que todo negro é perigoso. Nesse sentido é visto que construir uma identidade boa aqui no Brasil muitas vezes é negar-se negro, um desafio que muitos negros e negras brasileiros (as) enfrentam diariamente. Por tanto vale salientar que a identidade negra aqui no Brasil é vista como algo ruim e de valor

questionável, dando espaço para o preconceito que muitas vezes é visto apenas como “brincadeiras”.

O racismo é, por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc. Ele é por outro lado um conjunto de ideias e imagens referente aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores. O racismo também resulta da vontade de se impor uma verdade ou uma crença particular como única e verdadeira. Portanto segundo Hélio Santos (2001: 85), o racismo parte do pressuposto da “superioridade de um grupo racial sobre outro” assim como da “crença de que determinado grupo possui defeitos de ordem moral e intelectual que lhe são próprios”.

Ao ser questionado sobre o racismo no Brasil Doudou Diène relator da Organização das Nações Unidas (ONU) fez a seguinte afirmação:

O racismo é uma construção que tem uma extensão intelectual muito intensa, que impregnou a mentalidade das pessoas. Portanto, tiro duas conclusões preliminares sobre a pergunta. Uma é que o racismo certamente existe no Brasil e a outra é que ele tem uma dimensão histórica considerável¹.

Portanto vemos que a questão do racismo não é velada como muitas pessoas tentam repassar, sistematizado na obra “Casa Grande & Senzala” (1993) de Gilberto Freyre, o conceito de democracia racial coloca a escravidão para fora da simples ótica da dominação. A condição do escravo, nessa obra, é historicamente articulada com relatos e dados onde os escravos vivem situações diferentes do trabalho compulsório nas casas e lavouras. De fato, muitos escravos viveram situações em que desfrutavam de certo conforto material ou ocupavam posições de confiança e prestígio na hierarquia da sociedade colonial, mas que não interferia nos sofrimentos que esses escravizados viviam no período escravocrata.

Não podemos negar que, na construção das sociedades, na forma como os negros e os brancos são vistos e tratados no Brasil, a raça tem uma operacionalidade na cultura e na vida social. Se ela não tivesse esse peso, as particularidades e características físicas não seriam usadas por nós para classificar e identificar quem é negro e quem é branco no Brasil. E mais, não seriam usadas para discriminar e negar direitos e oportunidades aos negros em

¹ Entrevista publicada pela Revista Raça Brasil. *O racismo está crescendo*. Disponível em: <http://racabrasil.uol.com.br/Edicoes/93/artigo12649-2.asp/> Acessado dia 22 de julho de 2017.

nosso país. É importante destacar que, nesse sentido, as raças são compreendidas como construções sociais, políticas e culturais produzidas no contexto das relações de poder ao longo do processo histórico. Não significam, de forma alguma, um dado da natureza. É na cultura e na vida social que nós aprendemos a enxergar as raças.

Isso significa que aprendemos a ver as pessoas como negras e brancas e, por conseguinte, a classificá-las e a perceber suas diferenças no contato social, na forma como somos educados e socializados a ponto de essas ditas diferenças serem introduzidas em nossa forma de ser e ver o outro, na nossa subjetividade, nas relações sociais mais amplas. Aprendemos, na cultura e na sociedade, a perceber as diferenças, a comparar, a classificar. Se as coisas ficassem apenas nesse plano, não teríamos tantos complicadores. O problema é que, nesse mesmo contexto, aprendemos a hierarquizar as classificações sociais, raciais, de gênero, entre outras. Ou seja, também vamos aprendendo a tratar as diferenças de forma desigual.

A questão do negro se agrava por sua condição sócio-econômica. Por ter condição socioeconômica inferior aos brancos muitos desses indivíduos acabam exercendo trabalhos mal remunerados e muitas vezes desvalorizados, nessa constatação vemos o quanto o racismo ainda está enraizado em nossa sociedade. Embora existam diversos esforços contra a prática do racismo, este ainda é comum atualmente. Exemplo disso é como o racismo se espalhou pelo mundo virtual. São milhares de sites, blogs e comunidades virtuais, produzindo diferentes discursos de ódio racial contra negros, judeus, nordestino etc. A mistura de raças no Brasil não contribuiu para acabar com o racismo, considerado uma prática criminosa pela legislação brasileira².

Portanto, como objetivo, o presente trabalho procura analisar como o preconceito racial interfere na construção da identidade negra dentro de um ambiente acadêmico e social buscando-se relatar procedimentos que, de algum modo, são responsáveis, pela dificuldade de aceitação de um indivíduo como negro, e como isso prejudica a vida pessoal, profissional e financeira dos indivíduos aqui analisados.

Esta pesquisa justifica-se pelo aumento indiscriminado do preconceito racial que as mulheres negras enfrentam em suas relações com a sociedade. O interesse por esse tema de

² A Constituição Federal de 1988, no seu art. 5º inciso XLII, determina que “a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito de reclusão nos termos da lei”.

pesquisa existe já há algum tempo. Nasceu, também, através da minha experiência em se aceitar como mulher negra.

1.1 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Analisar como o preconceito racial interfere na construção e na auto-afirmação da identidade negra.

1.2.2 Objetivos específicos

- Analisar símbolos estéticos de beleza negra.
- Contribuir para o campo de estudos sobre identidade, estética e mulheres negras no Brasil.
- Analisar os processos vivenciados pelas mulheres na construção da identidade negra.

1.3 Justificativa

Na atual sociedade em que vivemos os negros ainda sofrem repressões diárias, todos os dias os mesmos são confundidos com bandidos, que por muitas vezes acaba ocasionando-lhes a morte. Todos os dias esses indivíduos sofrem com preconceitos por serem negros, todos os dias são expulsos de lugares que são “denominados” espaços de brancos, dia após dia os negros são punidos por serem apenas negros, é nesse sentido que esse trabalho existe no sentido de que possamos entender o porquê de o negro ser discriminado racialmente. Ao se reportarem enquanto negros, principalmente no que se refere à identidade negra, é muito comum às pessoas categorizarem os indivíduos quanto as suas características raciais, baseando-se exclusivamente na cor da pele classificando-os como em negros ou brancos.

Ao tomarmos os processos identitários como categoria de análise, partimos da premissa que discutir identidade é discutir transformação, uma vez que comungamos com a ideia de que não há como pensar em uma identidade definitiva, estável, ou seja, aquilo que é. Em nossa visão, identidade é ação, processo dinâmico, histórico e político; em detrimento daquilo que é, concebemos identidade como aquilo que está.

Há tempos, na história do Brasil, que um de seus capítulos vem sendo omitida a história da cultura afro-brasileira e dos afrodescendentes, mesmo sabendo que somos um país tão diverso com tantas cores, culturas e hábitos diferentes a ideia do outro não ser igual ao

branco, por exemplo, gera uma ideia de que esse indivíduo que é diferente é algo ruim, é aí que entra o cabelo do negro e como essa característica é julgada. O cabelo crespo ou cacheado muitas vezes é taxado de ruim, fazendo com que muitas mulheres entrem na cultura do alisamento, porém esse assunto não vem sendo questionado ou debatido a pouco tempo. A escritora Carolina Maria de Jesus (1914-1977), autora de “Quarto de Despejo”, nos fala sobre o processo de se aceitar como negro através do cabelo e da cor da pele.

[...] eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais educado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente... O branco diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco também bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém. (JESUS, 1960, p. 63).

Para o negro a questão do cabelo é muito mais que só questão de estética, para esse indivíduo esse tema faz parte da sua identidade e muitas vezes o cabelo é uma forma de pertencimento negro. Procurar modos de afirmação e empoderamento numa sociedade tão padronizada como a atual é um desafio, como fala o antropólogo Osmundo Pinho. A sociedade além de impor estereótipos que sugerem um pesado constrangimento às feições dos negros, principalmente das mulheres, impõe também certo tipo de enquadramento social, sendo que o lugar da mulher negra força os limites de sua representação para expor representações alienadas e estereotipadas do corpo feminino como: mulata, doméstica ou baiana.

O corpo negro recebe vários tipos de discriminação pelas feições que o caracterizam, agora estão surgindo aos poucos novos ideais de beleza para afirmação da identidade negra, um desses tipos de afirmação é a adoção dos cabelos modelo afro, e a readaptação ao cabelo cacheado, deixando todo aquele modelo eurocêntrico de lado, mesmo com essa readaptação ao cabelo natural como padrão de beleza, principalmente a mulher negra ainda é julgada por deixar seu cabelo natural e com volume, muitos são os esforços de pessoas ao seu redor para que ela volte novamente para a cultura do alisamento.

Como mulher negra passei por alguns momentos de racismo desde que resolvi voltar as minhas raízes afrodescendentes, e com a decisão de passar pela transição capilar surgiu também um grande interesse em descobrir o porquê desse preconceito vivido por mim e por tantas outras mulheres logo após a “libertação do padrão eurocêntrico de beleza”.

A partir disso surgiu a ideia de elaboração desse projeto para que pudéssemos entender como o preconceito contra o negro e principalmente por alguns elementos que o compõem fisicamente é motivo de repulsa pela maioria da população branca existente em nosso país, por isso é de uma relevância altamente importante para a sociedade, pois através desse entendimento algumas medidas possam ser tomadas como, por exemplo, o debate desde cedo com crianças brancas e negras sobre a importância do respeito e aceitação do outro para que possamos livrar as novas gerações dos tabus que ainda existem até os dias de hoje sobre os negros, com o foco principal para a população negra esse estudo vem mostrar a importância do preto para a nossa sociedade e toda a sua contribuição para formar e embasar a estrutura do nosso país.

Sendo assim, o interesse pelo tema proposto nesse projeto parte de minha condição como mulher negra em compreender toda a problemática em torno dos preconceitos que as populações negras são submetidas diariamente no Brasil e principalmente no município de Redenção-CE, é válido empreender estudos que mostram a precariedade social e econômica que tem contribuído de forma contundente na construção dessas visões preconceituosas. A escolha desse tema prende-se ao fato de ser a área que pretendo seguir na carreira acadêmica, o que irá contribuir imensamente para o enriquecimento dos estudos negros no país. Dentro desse contexto esse trabalho se justifica, pois, resume os principais pontos, servindo de base para outros trabalhos, e contribuindo como fonte de informação para outros estudantes e demais interessados na área.

Com base em todo em toda a situação apresentada vemos que a questão do racismo ainda deve ser bastante trabalhada para que as pessoas possam ver o outro de uma forma mais humana e respeitosa, dentro dessas ideias que foram colocadas acima chego à problemática desse trabalho. Como o racismo interfere na autoafirmação da identidade negra?

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. A mulher negra e o desafio da afirmação da identidade étnico-racial

Ao adentrarmos nesse universo de identidades negras e sua autoafirmação através da perspectiva dos cabelos naturais observamos quão desafiador e complexo esse tema se torna, mas para entendermos do que se trata essa questão entramos em várias outras áreas que envolvem esse universo. Para darmos início a essa discussão buscaremos nos aprofundar na questão social do negro no Brasil focando principalmente na mulher negra. Para muitas mulheres identificar-se e se aceitar como mulher negra nesses espaços é algo bastante desafiador tendo em vista que, “a análise psicossocial do cotidiano de uma mulher negra, Ricardo Franklin Ferreira e Amilton Carlos Camargo (2011) apontam que no processo de construção identitário espaços como a escola, a igreja, o trabalho e o silêncio familiar em não debater a questão racial formam no indivíduo um aspecto de inferioridade. Mas, esse processo pode ser ressignificado em outros espaços” (COSTA, Érica, 2016, p.21).

Vemos como é difícil para uma mulher estabelecer debates sobre a questão de identidade nesses espaços pelo fato de não terem voz no seu cotidiano o que acaba calando as mulheres e as fazendo sentirem-se menores, perante a sociedade, o que torna claro que o preconceito que está enraizado na nossa sociedade desde a época da escravidão ainda é o principal motivador da não aceitação de muitas mulheres como negra.

Para Silva (2012) desde cedo espaços como a escola acabam por separar e rotular jovens e crianças criando uma divisão de classes que pouco é debatido no próprio espaço escolar, pois o diferente é sempre visto como algo ruim criando a ideia de que o “outro” não é bem visto e nem aceito nesses espaços, porém não podemos negligenciar a necessidade que existe desse debate ocorrer no currículo escolar. Nas palavras do autor:

É um problema pedagógico e curricular não apenas porque as crianças e os jovens, em uma sociedade atravessada pela diferença, forçosamente interagem com o outro no próprio espaço da escola, mas também porque a questão do outro e da diferença não podem deixar de ser matéria de preocupação pedagógica e curricular. (SILVA, 2012, p.97)

Para Ana Célia da Silva (2005) “há nas práticas pedagógicas uma depreciação dos negros e de tudo o que lhes é atribuído, e, há também uma invisibilidade desses sujeitos nos livros didáticos que oculta histórias de todo um povo”. Essas tentativas de apagar o negro e toda a sua história acabam por silenciar cada vez mais um povo que busca seu espaço na

sociedade. Enquanto a escola fornece elementos negativos aos sujeitos, existem outros espaços em que as identidades são vivenciadas de forma mais positiva. “Nos seus achados de pesquisa Gomes (2003, p.179) revela que as pessoas negras passam ressignificar positivamente as identidades em outros espaços, como nos "salões cabeleireiros étnicos". Esses espaços são como um refúgio para essas pessoas negras o que torna um lugar bastante frequentado e animado como o povo negro é em sua totalidade.

Nesse sentido focaremos em dois pontos importantes e primordiais para a pesquisa, o primeiro deles é a questão social da mulher no Brasil e quais ações interferem no cotidiano dessas mulheres, o segundo ponto é a questão dos espaços onde essas mulheres convivem e de que formas esses espaços têm interação na vida dessas mulheres.

2.1.1 A questão social da mulher negra no Brasil

Ser negro e se aceitar como sujeito negro no Brasil perpassa várias questões em nossa sociedade, vêm desde o cabelo, local onde vive, status social, entre outras. Ao falarmos sobre a questão social do negro logo o pensamos como indivíduo subordinado ao branco, quase raramente o pensamos como um líder de uma grande empresa ou algo do tipo, fazendo com que esse sujeito se veja fora do lugar. Angela Figueiredo destaca em seu trabalho esta questão:

Tudo isso cria uma tensão adicional no cotidiano das pessoas negras com poder aquisitivo mais elevado, que sempre são vistas como estando “fora do lugar” sociologicamente construído e simbolicamente determinado; em outras palavras, eles estão pagando um alto preço exatamente por estarem “fora do lugar”. (FIGUEIREDO, Angela, 2004, p.201).

Ao observamos como se dar o processo social do negro surge uma questão bastante importante para explicar esse fato, como sabemos o negro que está em ascensão muitas vezes é o primeiro indivíduo da sua própria geração a chegar nesse patamar, pois não é de costume ver um negro que já tenha em sua família outras pessoas com poder aquisitivo igualado aos dos brancos. Esse processo se dar através de filhos mais escolarizados que os pais, como afirma Angela Figueiredo, “os filhos mais escolarizados do que os pais, se auto classificam como negros e não aceitam determinados trabalhos manuais através dos quais seus pais tinham sido inseridos no mercado de trabalho”.³

³ FIGUEIREDO, Angela. **Fora do jogo: a experiência dos negros na classe média brasileira**. 2004, n.23, pp.199-228.

Perante a sociedade os negros só teriam ascensão através do apadrinhamento de brancos ou mesmo por se comportarem, na forma de vestir ou falar semelhante aos mesmos. O autor Thales de Azevedo fala sobre esse apadrinhamento ao enunciar que:

É importante registrar que, até este momento, o principal canal de ascensão social, através do qual grande número de pretos e mestiços têm adquirido status elevado, é a educação no duplo sentido de boas maneiras e de uma instrução de elevado nível, além da adesão aos mores e concepção da cultura dominante, o que, em última análise, é um problema da aculturação ou de mais completa integração das massas de cor na sociedade dominante.[...] Um dos mecanismos que facilitam essa integração é a proteção e a ajuda que muitos padrinhos e madrinhas proporcionam aos seus afilhados de cor, educando-os em suas próprias casas ou, pelo menos, obtendo-lhes empregos ou encaminhando-os aos estudos secundário e superior e, muitas vezes, continuando a orientá-los e protegê-los [...] AZEVEDO, Thales, de. 1996, p.166.

Apesar de o homem sofrer na busca de aceitação pela sociedade para que o veja como um homem de negócios, mesmo estando em um patamar de poder aquisitivo igual ou até mais elevado que alguns homens brancos, vemos que ao se tratar de gênero a mulher ainda sofre e tem mais dificuldade de ser aceita pela sociedade como uma negra em ascensão. Mesmo que a mulher esteja em situação social favorável ela ainda é vista como um ser inferior por dois motivos, por sermos uma sociedade machista e patriarcal cujo modus operandi esta assente na ideia estereotipada de que a mulher tem que ser submissa ao homem, impedindo que essas mulheres saiam de suas casas para trabalhar fora em busca de sua própria autonomia, o segundo motivo refere-se à cor negra dessa mulher, o que faz com que ela seja vista como uma subordinada e não como uma mulher de negócios.

Embora a classe média tenha crescido em termos relativos e absolutos, entretanto, no que refere à população negra esse crescimento foi significativamente menor. Para a população negra de classe média a superação dos estereótipos vinculados à cor, (admitindo-se que os negros se encontram muito frequentemente realizando atividades desprestigiadas socialmente), constitui-se um problema que podemos associar a uma redefinição da própria identidade negra. Como se não fossem suficientes às dificuldades de uma recente transição do país de economia agrícola para economia urbana industrial e de serviços, há, ainda, o peso da herança deixada pelo longo período de escravidão no país, que influencia o racismo a que negros ainda são submetidos. Apesar dos números de negros em ascensão esteja maior do que os das últimas décadas esses números ainda se referem aos homens em sua maioria, o número de mulheres negras subindo da classe média baixa para a classe média alta ainda é bem mais baixa que o número de mulheres brancas nessa mesma situação.

Notoriamente vemos que a desigualdade imposta aos negros, o racismo e outras formas de preconceito como também o preconceito de gênero, tem sido apontado por vários estudiosos como engrenagem para explicar a hierarquia social em que os negros vivem atualmente, por não estarem em situação favorável de desenvolvimento muitos dos jovens acabam por aumentar o quadro de números de violência em grandes centros urbanos, fortalecendo cada vez mais a visão que o branco tem a respeito do negro, por ser visto em sociedade como o motivador dos altos índices de violência os negros são taxados de o grande problema social de nosso país.

O negro sempre é observado pelo branco como um sujeito ruim e de uma péssima índole. E mesmo quando em posse de bens, há sempre o constrangimento provocado pelas várias perguntas se esses indivíduos são realmente donos desses bens ou se realmente eles são aptos a frequentarem esses espaços.

Cabe salientar que, estar inserido em uma classe social mais elevada não seria necessariamente um antídoto para o fim do preconceito, ao estar em uma situação financeira elevada, muitos negros se encontram vulneráveis em espaço onde a população predominante é a população branca. Várias vezes esses negros são levados a refletir sobre sua condição étnico-racial nesses espaços que predominantemente são frequentados por branco. Em muitos relatos de mulheres negras quase todas já foram pelo menos uma vez em vida confundida com uma empregada doméstica, podemos perceber que assim a sociedade sempre enxerga que as profissões menos prestigiadas são por obrigações destinadas às pessoas negras.

Apesar de toda essa construção que permeiam a sociedade brasileira a respeito da população negra, muitas pessoas negras conseguem ascender socialmente mesmo havendo dificuldades bem maiores em relação a outros indivíduos. Toda essa questão social em que o negro foi inserido é bastante complexa e vem sendo discutida por muitos autores no decorrer de vários anos, e sempre haverá estudos sobre como essa questão social do negro é importante ser debatida perante nossa sociedade que é altamente desigual. Nesse ponto procuramos ressaltar as dificuldades que o negro enfrenta para se colocar como sujeito de sua própria história principalmente as mulheres negras que muitas vezes são vistas como coadjuvante de uma carreira de sucesso e não como as principais responsáveis pelo seu próprio crescimento social.

2.1.2 A mulher negra e os dilemas identitários nos espaços de tomada de decisão

A identidade negra aqui no Brasil sempre foi uma questão que gerou e ainda gera muitos debates, mas ao certo, poucos estudos se aprofundaram nesse assunto de fato. Sabemos que a questão de identidade negra está relacionada diretamente com a beleza negra e a sua autoafirmação, um dos fatores que contribuem para essa autoafirmação é o cabelo, tornando-se um paradigma a ser quebrado pelas mulheres negras, por deixarem seus cabelos naturais essas mulheres perdem chances de ingressar no mercado de trabalho por não querem abandonar a sua marca identitária. Não só o cabelo como a forma de vestir, falar, a sexualidade, a religião, o mercado de trabalho e entre outras são formas de manter a sua identidade viva, sendo questionada pela nossa sociedade pelo fato de o diferente não ser aceito facilmente pelos padrões hegemônicos dessa própria sociedade.

O mercado de trabalho sem dúvida é o grande desejo de qualquer mulher que busca se tornar mais independente, porém sabemos quantas dificuldades as mulheres em uma visão geral enfrentam para conseguir trabalho. Visto que em grande parte esse espaço é considerado masculino, heterossexual e branco. Ao adentrarmos na questão de raça o maior índice de desemprego no Brasil ainda é referente às mulheres negras, muito cedo várias jovens das periferias brasileiras desistem da escola por terem que trabalhar para melhorar a situação vulnerável em que elas se encontram, passando por diversas dificuldades e não tendo muitas vezes onde morar essas jovens embarcam no mercado de trabalho sem nenhuma qualificação, partindo desse pressuposto de que trabalhar é a garantia de uma melhoria na condição familiar que muitas meninas passam a trabalhar fora de casa, nessa busca de uma solução rápida pra aliviar sua condição precária de vida essas jovens acabam por aceitar o primeiro emprego que surgir. Muitas dessas mulheres acabam abandonando sua própria identidade para se encaixar em um devido emprego.

É nesse sentido que muitas lutas de grupos feministas contra o preconceito com a mulher negra surgiram ao longo dos anos, em busca de um reconhecimento de sua própria identidade muitas mulheres passaram a procurar empregos onde elas não tivessem que mudar sua imagem para ser aceita em determinado emprego ou lugar.

Apesar das mulheres já ocuparem alguns espaços no mercado de trabalho e terem sua independência através dos salários, muitas ainda fazem parte de um índice bastante

assustador, o índice de violência contra a mulher no Brasil é alarmante, as negras são as que mais sofrem por serem vista desde muito nova como um objeto sexual.

Esses são os efeitos da hegemonia da “branquitude” no imaginário social e nas relações sociais concretas. É uma violência invisível que contrai saldos negativos para a subjetividade das mulheres negras, resvalando na afetividade e sexualidade destas. Tal dimensão da violência racial e as particularidades que ela assume em relação às mulheres dos grupos raciais não-hegemônicos vem despertando análises cuidadosas e recriação de práticas que se mostram capazes de construir outros referenciais (CARNEIRO, Sueli, 2003, Pg. 122).

A supervalorização da beleza física do negro é reflexo dos preconceitos e da conotação sexual por eles sofridos desde os tempos de escravidão. No Brasil ainda prevalece o estereótipo de raça, que determina que a mulher negra tenha sempre lábios grandes, bumbum avantajado, corpo “atraente” acompanhado da ideia que ela está sempre disponível porque o fenótipo dela sugere isso. Enquanto a mulher branca é vista com status, isto está atribuído à construção social proveniente da colonização e da escravatura, por serem reconhecidas como objeto sexual muitas mulheres negras começaram a se privar de relações amorosas.

Desde cedo à negra é simbolizada como objeto sexual, por ser considerada mais provocante por sua cor “a cor do pecado” por ser vista como objeto muitas dessas negras passam por abusos sexuais desde a infância, vestígios da época escravocrata, onde muitas mulheres negras eram abusadas e estupradas por senhores brancos. Por medo de relações onde as mesmas sejam apenas objetos de prazer muitas mulheres negras estão solteiras por opção de proteção. Nas palavras da autora Edileuza Penha de Souza (1995), isso se torna evidente e enfático.

Seja como for, o medo da solidão aparece de forma tão subjetiva que somente uma mudança radical em nossa sociedade mudará por completo nossos comportamentos. A mudança na educação, em especial a mudança na educação de nossas crianças através da participação de mulheres e homens, fará possível uma efetiva e eficaz mudança em nossa sociedade e em nós mesmas (1995, Pág. 14).

Como podemos ver só a reeducação de homens e mulheres resultaria em uma melhoria nessa questão da sexualidade e da objetificação do corpo da mulher negra. Através do movimento feminista essa reeducação seria mais bem elaborada, pois a luta diária desses movimentos é a quebra do estereótipo de corpo perfeito e objetivado pelos homens, desta forma com a reeducação das mulheres a respeito do seu próprio corpo teríamos resultados positivos rapidamente, mas a ajuda de alguns homens é essencial para que possamos entender como essa ideia de ter o corpo da mulher como objeto surge e quais as melhores formas de

quebrar esses paradigmas, traçando como balizas a educação das crianças com visões diferentes e sábias a respeito de seus corpos o que os tornaria adultos mais responsáveis com o bem do outro.

Muitos são os paradigmas que os movimentos feministas lutam para quebrar, a intolerância religiosa sem dúvida é um dos assuntos mais difíceis de lidar, pois nem todos os espaços aceitam e realmente discutem sobre esse assunto. O papel das mulheres nas religiões de matrizes africanas é algo inquestionável, por serem as primeiras a ter liberdade depois da abolição essas mulheres saíram às ruas atrás do seu sustento e sendo as primeiras a formarem os terreiros. Vale lembrar que as mulheres são vistas como o indivíduo mais importante nessas religiões mostrando que as religiões de matrizes africanas são matriarcais diferentes das religiões cristãs.

Vemos o quanto à religiosidade das mulheres negras é o grande incentivador para as mulheres se aceitarem como negras no Brasil, apesar de sofrerem muito preconceito por serem negras e também por serem mulheres. A religião é o lugar onde se sentir mulher negra é motivo de orgulho. Muitos são os espaços para que a mulher negra possa se mostrar e se aceitar como tal, porem em muitos desses lugares essas identidades são recriminadas, julgadas e humilhadas, mas também existem lugares onde essas identidades são aceitas e vista de formas positivas, nesse sentido buscamos nos aprofundar em todas essas questões para realizar esse estudo.

Em linhas gerais, ao desenvolver sobre algumas questões que estão relacionadas com a identidade das mulheres negras vemos que para o negro o cabelo é visto como forte marca identitária e muitas vezes continuam sendo vista como marca de inferioridade. O cabelo e o corpo negro são vistos como forma de cultura e são consideradas expressões de identidade negra no Brasil, o cabelo do negro é estigmatizado, sendo o marco principal do racismo e desigualdades sociais imputadas sobre as negras, por isso o cabelo não é uma questão de beleza e sim de marca identitária.

2.1.3 Relatos de vivencias

Ao conversar e ouvir as histórias marcantes dessas mulheres foi visto que o se aceitar como mulher negra percorreu bastante pela transição capilar que elas vivenciaram na fala da aluna do curso de ciências da natureza e matemática Nailda Morais Dantas, 22 anos é perceptível como o processo de alisamento químico dos cabelos é degradante tanto para o

cabelo como para a saúde psicológica da mulher. “Alisar o cabelo sempre foi muito desgastante para mim. E depois de 9 anos alisando o cabelo (comecei aos 12 anos), eu não suportava mais fazer chapinha todo fim de semana, passar a semana sem molhar o cabelo e com medo da chuva. A raiz do meu cabelo sempre foi oleosa e com o tempo foi piorando: eu lavava o cabelo, fazia chapinha e no outro dia o cabelo já estava todo “lambido”. Manter o cabelo liso e aceitável era massacrante para mim. Decidi entrar na transição um mês depois de fazer minha última química de alisamento e esse dia ficou muito bem documentado na minha mente. Depois dessa química eu tive uma caspa muito forte e fiquei bastante assustada, tive que usar remédio... Foi horrível. Enquanto eu olhava no espelho o estado crítico do meu cabelo eu chorava muito, parecia ter 5 anos. Nesse dia eu não me reconheci no espelho... aquele cabelo não era meu e sugava todas as minhas forças, disse para mim mesma que nunca mais alisaria o cabelo”. (Nailda Dantas)

Em outro momento da entrevista a aluna do curso de Bacharelado interdisciplinar em Humanidades Maria Ivonizete de Lima Araújo, 35 anos, fala em qual momento passou a se reconhecer como mulher negra e como isso foi importante para sua autoestima e libertação pessoal. “Durante muitos anos da minha vida, não tinha a consciência de o que era ser uma mulher negra, na verdade durante a minha fase de criança e adolescência ser chamada de negra era uma ofensa. Sempre me fizeram acreditar que ser negra era uma “coisa” ruim, me fizeram acreditar que ter os cabelos cacheados era ruim, a ponto de eu não querer ser negra. Hoje aos 35 anos descobri que sou uma mulher negra, tenho orgulho das minhas raízes, orgulho do meu cabelo, e não aceito a denominação morena.” (Ivonizete Araújo)

Nos momentos finais da entrevista a aluna Anna Karyna Maciel nos fala sobre essa questão de se reconhecer como mulher negra, já bastantes conflitos para ela pela questão da cor da pele, pois por ter uma tonalidade mais clara ela não é vista por muitos como mulher negra e mesmo com toda essa questão ela se considera uma mulher negra sim. “Essa questão de me considerar negra já gerou altas indignações, porque muitos relacionam a cor de pele. Algumas mulheres estrangeiras (Africanas) jamais aceitariam eu falar que sou negra. Eu me considero sim, por origens, meu avô era negro, meu irmão é negro e toda a minha família também é negra”. (Anna Karyna)

As manifestações de racismo vivenciado pelas estudantes e a verbalização negativa das características físicas relembra o estudo do sociólogo Oracy Nogueira (2006) que afirma que no Brasil o preconceito é de “marca”, é estético, visto que são as características das

estudantes que são vistas de forma negativa pelo viés do racismo, fazendo com que a decisão de passar pela transição capilar não fosse apenas uma forma de se libertar, mas também uma forma de lutar pelo seu reconhecimento como mulher negra perante a sociedade, mesmo tendo que enfrentar os preconceitos diários por se reconhecerem como negras.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Métodos de pesquisa

A metodologia usada nesse trabalho será realizada através de entrevistas de grupos focais, no campo dos estudos sobre cabelo negro e o preconceito racial que envolve essa temática. Para Kitzinger (2000), “o grupo focal é uma forma de entrevistas com grupos, baseada na comunicação e na interação. Seu principal objetivo é reunir informações detalhadas sobre um tópico específico (sugerido por um pesquisador, coordenador ou moderador do grupo) a partir de um grupo de participantes selecionados. Ele busca colher informações que possam proporcionar a compreensão de percepções, crenças, atitudes sobre um tema, produto ou serviços”.

Incluindo levantamentos bibliográficos e depoimentos de mulheres sobre suas experiências como mulheres negras. Tais experiências de violência racial acerca da estética corpórea negra, vivenciadas por pessoas afro-brasileiras são traumáticas, sendo comum seus protagonistas desenvolverem a negação de si, baixa autoestima e depressão. Para Fanon (1983) ⁴tal complexo de inferioridade do negro diante do branco é produzido quando esse indivíduo nega reconhecimento ao outro (negro), como igual, como “homem”, ou seja, como humano, em ação discriminadora que desumaniza o negro. Daí a reação negra na busca de seu reconhecimento.

Pesquisadores como Célia Regina Reis da Silva (2016) em sua tese de doutorado sintetiza como esses processos racistas atingem a população em vários espaços diferentes.

Nas relações raciais, o cabelo é um elemento polêmico, ter cabelos crespo pode significar muitas histórias, experiências familiares, de trabalho, amorosas, conflituosas. Sociabilidades marcadas por corporeidades menosprezada, vidas marcadas por tentativas de submissão via processos violentos de alteração da aparência capilar, que deve assemelhar-se ao padrão liso, enquanto também ocorrem exposições de insubmissas madeixas crespas, nos mais variados penteados em insurgências a perfis ocidentais. (SILVA. 2016) ⁵

As tensões sociais em torno do corpo negro, em específico do cabelo, tem sido interesse de estudos e de organizações negras em lutas contra preconceitos raciais. Nessa direção, os negros encontram na subjetividade do seu próprio corpo, territórios de expressão

⁴ FANON. Franz. **Os condenados da terra**. Brasiliense. São Paulo, 1968. _____. Pele negra, mascaradas brancas. Ed. Fator. Rio de Janeiro, 1983.

⁵ SILVA, Célia Regina Reis. **Crespos insurgentes, estética revolta memória e corporeidade negra paulistana, hoje e sempre**. 2016, P. 17- 196

de resistências e alternativas de transformação social, em demanda para alcançar respeito e dignidade social à sua conformação corpórea.

A escolha desse tipo de abordagem surge do interesse de, a partir das histórias de vida, entender melhor os processos de formação de identidades através do cabelo crespo e cacheado, destacando as tensões que o corpo negro viveu e ainda vive na sociedade brasileira.

Para Pinho (2004):

A referência do cabelo crespo como “cabelo ruim“ do negro em contraposição ao “cabelo bom” do branco é mais uma das imagens negativas do negro que pode ser encontrada, também, em outros países que vivenciaram a escravidão, presente também em vários pontos da diáspora, até no continente africano, como na África do Sul, onde há os “coloreds”, pessoas mestiças, e o conceito de cabelo bom aparece como naturalmente liso ou alisado.⁶

Cabe ressaltar que as questões que envolvem corpo e cabelo, ou seja, manifestações de cabelo afro, são encontradas e vivenciadas de modos diferentes por indivíduos que, na subjetividade dos seus corpos, expõem suas posições enquanto portadores de direitos, que reivindicam e vivenciam sua identidade negra. Assim, quando a diferença é tratada como exótica, quando a cultura diferente é vista como espetáculo, não se abre diálogos, para a negociação, as práticas de rejeição ao diferente vão sendo ressignificadas, buscando conservar e não transformar.

Para que possamos entender melhor essas questões o método de entrevistas de grupos focais foi escolhido nesse sentido, pois tem como objetivo unir grupos de mulheres que já passaram por uma busca de identidade através da transição capilar. Tendo como característica geral identificar sentimentos, percepções, atitudes e ideias dos participantes a respeito desse assunto. Credo assim que a energia gerada pelo grupo cria uma maior diversidade e profundidade de respostas, ou seja, um esforço combinado de pessoas que produz mais informações do que simplesmente o somatório das respostas individuais.

Em relação aos procedimentos qualitativos, segundo Creswell (2007, p.184 e 188), eles “se baseiam em dados de texto e imagem, têm passos únicos na análise de dados e usam estratégias diversas de investigação”. O estudo qualitativo é uma forma de pesquisar bastante utilizada nos últimos anos para a busca de resultados, pois essa pesquisa sempre é realizada em um ambiente natural aonde o pesquisador qualitativo sempre vai ao encontro do

⁶ PINHO. Patrícia de Santana. **Reinvenções da África na Bahia**. Ed. Anablumen, 2004, P. 137

participante para conduzir a pesquisa, permitindo que o pesquisador desenvolva um nível de detalhes sobre a pessoa ou sobre o local escolhido pelo mesmo, criando um vínculo com aquele lugar em que o participante estar inserido tornando possível uma análise mais aprofundada nas experiências reais do indivíduo.

A pesquisa qualitativa usa métodos múltiplos que são interativos e humanísticos. Diversos aspectos surgem durante um estudo qualitativo. As questões de pesquisa podem mudar e ser refinadas à medida que o pesquisador descobre o que perguntar e para quem fazer as perguntas. Nessa perspectiva, “os estudos de pesquisa qualitativa aparecem como visões amplas em vez de microanálises (...). O pesquisador usa um raciocínio complexo, multifacetado, interativo e simultâneo” (CRESWELL, 2007, p. 186- 187).

O processo de coleta de dados pode mudar à medida que as portas se abrem ou se fecham para a coleta de dados, e o pesquisador descobre os melhores locais para entender o fenômeno central de interesse, e por ser uma pesquisa fundamentalmente interpretativa o próprio pesquisador faz uma interpretação dos dados. Com a pesquisa qualitativa, os entrevistados estão mais livres para apontar os seus pontos de vistas, normalmente esse tipo de pesquisa é feita com poucas pessoas com o propósito de conseguir compreender melhor o comportamento de determinado grupo. (CRESWELL, 2007, p. 186- 187).

A pesquisa que será desenvolvida nesse trabalho contara com entrevistas com um grupo de mulheres negras que passaram por uma transição capilar na busca de sua identidade, a investigação será a campo com um questionário de perguntas abertas, o questionário será feito com poucas perguntas no máximo cinco perguntas para cada participante. O ponto de encontro será definido pelos participantes para que eles se sintam mais à vontade, os dados serão compilados através da tabulação dessas perguntas abertas, pois são mais ricas de respostas até se encontrar um padrão entre essas perguntas. Como já citado a pesquisa contará com levantamento bibliográficos, através de pesquisadores como Angela Figueiredo, Sueli Carneiro, Candé Monteiro, entre outros. Buscarei entender como o racismo interferem na aceitação das mulheres negras através do cabelo e como esse racismo também interfere em outras relações em meio a sociedade.

3.2 Técnicas de coleta de dados

Serão utilizadas para esta pesquisa técnicas como observação simples e aplicação de questionários. De acordo com Andrade (*apud* RODRIGUES, 2006, p. 92), “as técnicas de pesquisa correspondem a um conjunto de normas usadas em cada área das ciências”.

“A observação consiste em uma técnica de coleta de dados a partir da observação e do registro, de forma direta, do fenômeno ou fato estudado” (RODRIGUES, A. J, 2006, p. 92). A observação utilizada será de classificação simples utilizada durante a aplicação do questionário, essa técnica será uma forma de adquirir dados sobre o comportamento desse grupo de mulheres ao debaterem sobre o racismo que elas enfrentam no seu dia a dia, para que se possa identificar como o preconceito racial interfere na sua vida como um todo.

GIL (2010) argumenta sobre a observação simples e suas vantagens para a pesquisa: “A observação simples apresenta uma série de vantagens, que pode ser assim sintetizada:

- a) possibilita a obtenção de elementos para a definição de problemas de pesquisa;
- b) favorece a construção de hipóteses acerca do problema pesquisado;
- c) Facilita a obtenção de dados sem produzir querelas ou suspeitas nos membros das comunidades, grupos ou instituições que estão sendo estudadas”. (GIL, 2010 p. 101)

A outra técnica de coleta de dados a ser utilizada são os questionários, técnica definida por MARCONI e LAKATOS (2010, p. 184): “Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem presença do entrevistador”. GIL (2010) também argumenta sobre a técnica:

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. (GIL, A. C, 2010, p. 121)

Os questionários serão aplicados no ambiente em que as entrevistadas acharem melhor, pois assim será mais fácil entrar em harmonia com as participantes e com o ambiente em que elas estarão localizadas.

Através de todas essas técnicas será possível obter informações em vários níveis sobre o universo de amostra pesquisada possibilitando resultados satisfatórios juntamente com o método escolhido para ser aplicado na pesquisa, pois, segundo RODRIGUES (2010, p. 92): “O método utiliza-se da técnica, que é suporte instrumental e prático que auxilia o pesquisador a chegar a um determinado resultado”.

3.2.1 Limitações da pesquisa

Apesar da maior parte da população brasileira ser negra, esta não tem as mesmas oportunidades que a branca. No Brasil, são muitos os casos de discriminação contra negros e

negras. Ideias e práticas racistas contribuíram para a exclusão dos afrodescendentes. Ideias e práticas racistas acabam gerando forte repercussão nas relações sociais, já que o racismo pode ser pensado como um conjunto de ações e opiniões, onde existe a convicção de que alguns indivíduos através de suas características físicas e manifestações culturais apresentam diferenças que lhes definem como inferiores a outros.

Uma das mais odiosas e desumanas formas de impor o isolamento a um grupo de pessoas é a discriminação racial. Acabar com o preconceito é ter o trabalho de conhecer a pessoa, a raça, sua cultura, para depois avaliar ou manifestar um julgamento. Porém, o ideal, seria aceitar a cultura do outro e suas características, mesmo que sejam diferentes. O conceito é integrar, e não desunir. Portanto a grande dificuldade para realizar a pesquisa foi conciliar os horários disponíveis pelas mulheres entrevistadas, fora isso não tive nenhum empecilho que fosse capaz de prejudicar a pesquisa como um todo.

3.2.2 Locais de realização da pesquisa e os sujeitos

A pesquisa foi desenvolvida na Unilab na cidade de Redenção-CE, localizada no Maciço de Baturité. O município recebe esse nome por ser a primeira cidade brasileira a libertar os escravos. Segundo o Censo de 2010, sua população era de 26.426 mil habitantes, que estão divididos em Zona Urbana com 15.142 habitantes, local em que está localizada a primeira escola a ser analisada e na Zona Rural com 11 218 habitantes onde se localiza a segunda escola pesquisada a nove quilômetros da sede. E em reconhecimento ao fato de ter sido a primeira cidade do Brasil a abolir a escravidão, Redenção sedia a UNILAB - Universidade Federal de Integração Luso-Afro-Brasileira desde 2009. Com a vinda desta Universidade chegou também ao município uma diversidade cultural significativa, várias novidades como vestimenta, fala, novos padrões de corpos, entre outras coisas aumentaram e enriqueceram o convívio local e de cidades vizinhas.

Os sujeitos da pesquisa são três mulheres estudantes da já citada instituição de ensino Unilab, numa faixa etária de 20 a 35 anos. As entrevistas foram realizadas na própria Universidade. Essas mulheres são consideradas cidadãs comuns, que não necessariamente estão ligadas ao movimento de militância negro.

Os critérios para a participação na pesquisa das pessoas citadas são:

- Aceitar participar da pesquisa.
- Morar em Redenção.

- Ser mulher e negra.
- Que já passou ou ainda estar passando pelo processo de transição capilar.

4. RESULTADOS ESPERADOS

O presente trabalho busca entender como o preconceito racial interfere na autoafirmação das mulheres negras no município de Redenção-CE, após uma longa conversa com as participantes da pesquisa pude notar o quão doloroso, e como o racismo afeta diretamente essas mulheres. Notei também nas observações a campo feitas na Universidade que a chegada das mulheres africanas foi crucial par que muitas mulheres do município criassem essa consciência do que é ser negro e passar a se aceitar como tal.

A pesquisa e a observação foram cruciais para se chegar à resposta para a problemática da pesquisa, onde ficou explicito que o racismo é o principal motivo de muitas mulheres não se reconhecerem como negras o que acaba por reforçar o ideal eurocêntrico em que nossa sociedade se encontra a muitos anos. Retomando o que já fora citado na justificativa, esse trabalho é bastante importante para que o empoderamento da mulher negra seja uma contrapartida para que essas mulheres parem a cultura do alisamento que as fazem serem prisioneiras de um ideal de beleza que as fazem sofrer.

A pesquisa também busca evidenciar que o racismo continua sendo uma arma bastante perigosa nas mãos de pessoas que estão à frente do poder em nossa sociedade, ressaltando também que os níveis de desigualdades no Brasil e no município de Redenção-CE são bastante especificados pela questão do racismo, pois ainda é acreditado que o negro só traz consigo coisas ruins.

Vale salientar que mesmo com várias ações para o combate no racismo em nosso país, as leis ainda são frouxas e muitas vezes o racismo passa despercebido por muitos pela velha ideia de que é somente uma brincadeira ou um engano. Por tanto trabalhos a respeito do racismo e do empoderamento da mulher negra através da perspectiva do cabelo natural é de extrema importância para se quebrar os paradigmas que enfrentamos diariamente.

5. IMPRESSÕES DA PESQUISA

Ao desenvolver o presente trabalho e diante das informações transcorridas ficou claro que o racismo é algo que ainda mata, fere e deprime muitos homens e mulheres. Ao final dessa pesquisa a minha impressão é que, apesar da luta diária de muitos grupos do movimento negro, de mulheres feministas e tantos outros o racismo ainda é visto por metade da população como algo normal, é preciso que essa questão seja mais debatida, nas escolas, universidades, instituições privadas, na televisão, no rádio e todos os meios de comunicação.

Apesar de Redenção ser uma cidade que recebe uma Universidade Federal e Internacional foi visto que o alto índice de discriminação que os africanos em sua totalidade ainda sofrem diariamente, por simplesmente não haver uma política pública local que trabalhe o racismo da forma que tem de ser trabalhado.

Por ainda ser tabu em várias esferas dessa sociedade, muitas mulheres negras se calam e preferem não se assumirem negra, foi visto que a educação, e a entrada dessas mulheres em uma universidade como a Unilab fez com que elas resolvessem assumirem quem são e passarem pelo processo de transição capilar como protesto contra o preconceito racial.

Em vista disso espera-se que esse trabalho tenha impacto no meio acadêmico e seja lido por mais pessoa para que cada vez mais pessoas responsáveis e sensíveis com a dor do outro possam entrar em contrapartida direta e indiretamente ao racismo que muitas vezes é velado e silenciado por pessoas que detém o poder. Espero também que esse trabalho contribua de forma somatória aos outros trabalhos que já existem na área para que sejam cada vez mais enriquecidos os debates em muitas outras realidades. Para mim esse trabalho foi enriquecedor, pois com ele eu pude entender como foi o processo de reconhecimento negro para outras mulheres. Por ser mulher negra esse trabalho tem grande representação para mim em diferentes situações de minha vida, em cada palavra lida e ouvida de outras mulheres eu pude desenvolver cada vez mais o meu discurso de mulher empoderada e mulher de luta.

6 REFERÊNCIAS:

AZEVEDO, Thales de. **As Elites de Cor numa cidade brasileira: um estudo sobre a ascensão social e classes sociais e grupo de prestígio**. Salvador, EDUFBA, 2ª ed., 1996, p.166.

BRASIL, Revista Raça. **O racismo está crescendo**. Disponível em: <http://racabrasil.uol.com.br/Edicoes/93/artigo12649-2.asp> / Acessado dia 22 de julho de 2017.

CARNEIRO, Sueli. ESTUDOS AVANÇADOS 17 (49), **Mulheres em movimento**. 2003 p.117-132

COSTA, Éricka. **NEGRA SOU! POLÍTICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS E TRAJETÓRIAS DE IDENTIDADE DE MULHERES NEGRAS NA UFG** 2016, p.22.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto** / John W. Creswell ; tradução Luciana de Oliveira da Rocha. 2. ed. - Porto Alegre: Artmed,2007. 248

FANON. Franz. **Os condenados da terra**. Brasiliense. São Paulo, 1968. _____.
Pele negra, máscaras brancas. Ed. Fator. Rio de Janeiro, 1983.

FIGUEIREDO, Angela. **Fora do jogo: a experiência dos negros na classe média brasileira**. 2004, n.23, pp.199-228.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação**. In: MUNANGA, KABENGELE. (Org.). Superando o racismo na escola. 2. ed. Brasília: Edições MEC/BID/UNESCO, 2005, p. 21-38.

GOMES, Nilma Lino. **Mulheres negras e educação: trajetórias de vida, histórias de luta**. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL O DESAFIO DA DIFERENÇA, ARTICULANDO GÊNERO, RAÇA E CLASSE UFBA, 2000, Salvador.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960.

KITZINGER, J. **Focus groups with users and providers of health care**. In: POPE, C.; MAYS, N. (Org.). *Qualitative research in health care*. 2. ed. London: BMJ Books, 2000.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Edições MEC/BID/ UNESCO, 2005.

MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nilma Lino. **Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos**. São Paulo: Global; Ação Educativa, 2004. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil. In: SPINK, Mary Jane Paris(Org.) A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994, p. 177-187.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito racial de marca e Preconceito racial de origem**. Tempo Social. São Paulo. v. 19. n.1. nov 2006. p.287-308.

PINHO. Patrícia de Santana. **Reinvenções da África na Bahia**. Ed. Anablumen, 2004, P. 137

RODRIGUES, Auro de Jesus. **Metodologia científica**. São Paulo: Avercamp, 2006: il.

SILVA, Ana Célia da. **A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático** in Superando o Racismo na escola. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). Superando o racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 12.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SOUZA, E.P. **Mulher Negra: sua sexualidade e seus mitos**. En libro: Mulher Negra: preconceito, sexualidade e imaginário. Fátima Quintas (org.) INPSO / FUNDAJ, Instituto de Pesquisas Sociais, Fundação Joaquim Nabuco, Ministério de Educação, Governo Federal, Recife, Brasil. 1995. P. 10-22